

viver



HOSPITAL
SÍRIO-LIBANÊS

20 | 2019



Felicidade

O SEGREDO É NÃO TER OBRIGAÇÃO DE SER FELIZ



QUEM SABE CUIDAR BEM, SÓ INDICA O MELHOR PARA OS SEUS PACIENTES.

CENTRO DIA

Lazer e segurança para a terceira idade.

Um lugar preparado especialmente para eles aproveitarem todo o dia, recebendo a atenção e o cuidado de uma equipe com profissionais preparados para promover a prática de atividades, passeios e oficinas que estimulam a criatividade, o aprendizado e novas amizades.

VENHA PASSAR UMA TARDE CONOSCO!



Av. Santo Amaro, 6487
Santo Amaro | SP
Tel: **(11) 5523-2055**
centrodia@amaobranca.org.br

 Centro Dia Mão Branca

CENTRO DIA 

amaobrancacentrodia.com.br



associação beneficente
A MÃO BRANCA
de amparo aos idosos

VIVER

É uma publicação trimestral desenvolvida por Letra a Letra Comunicação Integrada e Buono Disegno para a Sociedade Beneficente de Senhoras Hospital Sírio-Libanês

SOCIEDADE BENEFICENTE DE SENHORAS HOSPITAL SÍRIO-LIBANÊS

PRESIDENTE
Marta Kehdi Schahin

DIRETORIA DE SENHORAS DIRETORA DE RELAÇÕES PÚBLICAS E MARKETING

Sylvia Suriani Sabie

DIRETORIA GERAL
Paulo Chapchap

PRODUÇÃO E EDIÇÃO LETRA A LETRA COMUNICAÇÃO
(letraalettracomunica.com.br)
karin@letraalettracomunica.com.br

COLABORADORES
Mona Dorf

REVISÃO DE TEXTO
Kamila Queiroz

DIRETORA DE REDAÇÃO
Karin Faria (MTB - 25.760)

PROJETO GRÁFICO BUONO DISEGNO
(buonodisegno.com.br)
renata@buonodisegno.com.br

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO
Renata Buono

TRATAMENTO DE IMAGENS
BuonoDisegno

IMAGEM DE CAPA
Rich Vintage/Getty Images

GRÁFICA
Elyon

TIRAGEM
10.000 exemplares

TEMPO DE CELEBRAR

O Hospital Sírio-Libanês começou 2019 com um grande marco em sua história, a inauguração do nosso primeiro hospital geral de alta complexidade fora de São Paulo. Acabamos de expandir nossas atividades em Brasília. A instituição, com quase um século de vida, escolheu a capital federal, que desde 2011 abriga o nosso Centro de Oncologia e o Centro de Diagnóstico, para receber a excelência do atendimento Sírio-Libanês em diversas outras especialidades.

Como poderão acompanhar nas próximas páginas da edição, o novo hospital tem mais de 30 mil metros quadrados, 144 leitos e já está atendendo cardiologia, neurologia, ortopedia e emergências, com apoio de unidades de terapia intensiva e seis salas de cirurgia que dispõem de equipamentos e robôs de última geração. Brevemente outras especialidades serão somadas a essas, bem como um Pronto Atendimento geral, como o que temos na nossa matriz, em São Paulo.

Outra inauguração que merece nosso registro é a do Pronto Atendimento Cardiológico. Uma área inteiramente dedicada a atender emergências cardiovasculares com pessoal e equipamento especializados, dedicados para que cada minuto conte a favor dos pacientes.

Pautada pela sua saúde e qualidade de vida, a revista traz também duas reportagens especiais: na capa, aborda a felicidade – o que é e como podemos mantê-la – e, na seção Viver com qualidade, a partir do aumento global de adeptos ao vegetarianismo e ao veganismo, nossos especialistas esclarecem como adotar os novos modelos de alimentação sem prejuízo para o organismo.

Nas páginas que seguem, nossos leitores encontram também novos protocolos para o uso de antibióticos e outras novidades sobre as cidades de São Paulo e Brasília, bem como sobre a comunidade do Hospital Sírio-Libanês, que podem ajudar a melhorar o nosso dia a dia.

Boa leitura,

PAULO CHAPCHAP

Diretor Geral da Sociedade Beneficente de Senhoras Hospital Sírio-Libanês

CERTIFICAÇÕES DO HOSPITAL SÍRIO-LIBANÊS



sumário

04

FIQUE POR DENTRO

Sírio-Libanês inaugura hospital em Brasília

08

CAPA

Felicidade: confira qual o caminho para preservar a sensação de bem-estar por trás dessa palavra

16

VIVER

16 | VIVER COM QUALIDADE

Saiba a importância da vacinação para evitar o reaparecimento de doenças contagiosas

24 | BEBER

Sangria e clericot voltam a brilhar, veja como servir e qual a história desses drinques

28 | COMER

Especialistas esclarecem como manter uma dieta saudável abrindo mão da proteína animal

34 | PASSEAR

Galerias ganham a agenda cultural de paulistanos e brasileiros

38

ÁREA MÉDICA

38 | DE PONTA

Sírio-Libanês Bela Vista inaugura o Pronto Atendimento Cardiológico

40 | MEDICINA

Veja as novas recomendações da OMS sobre o uso de antibióticos

42 | SEM JALECO

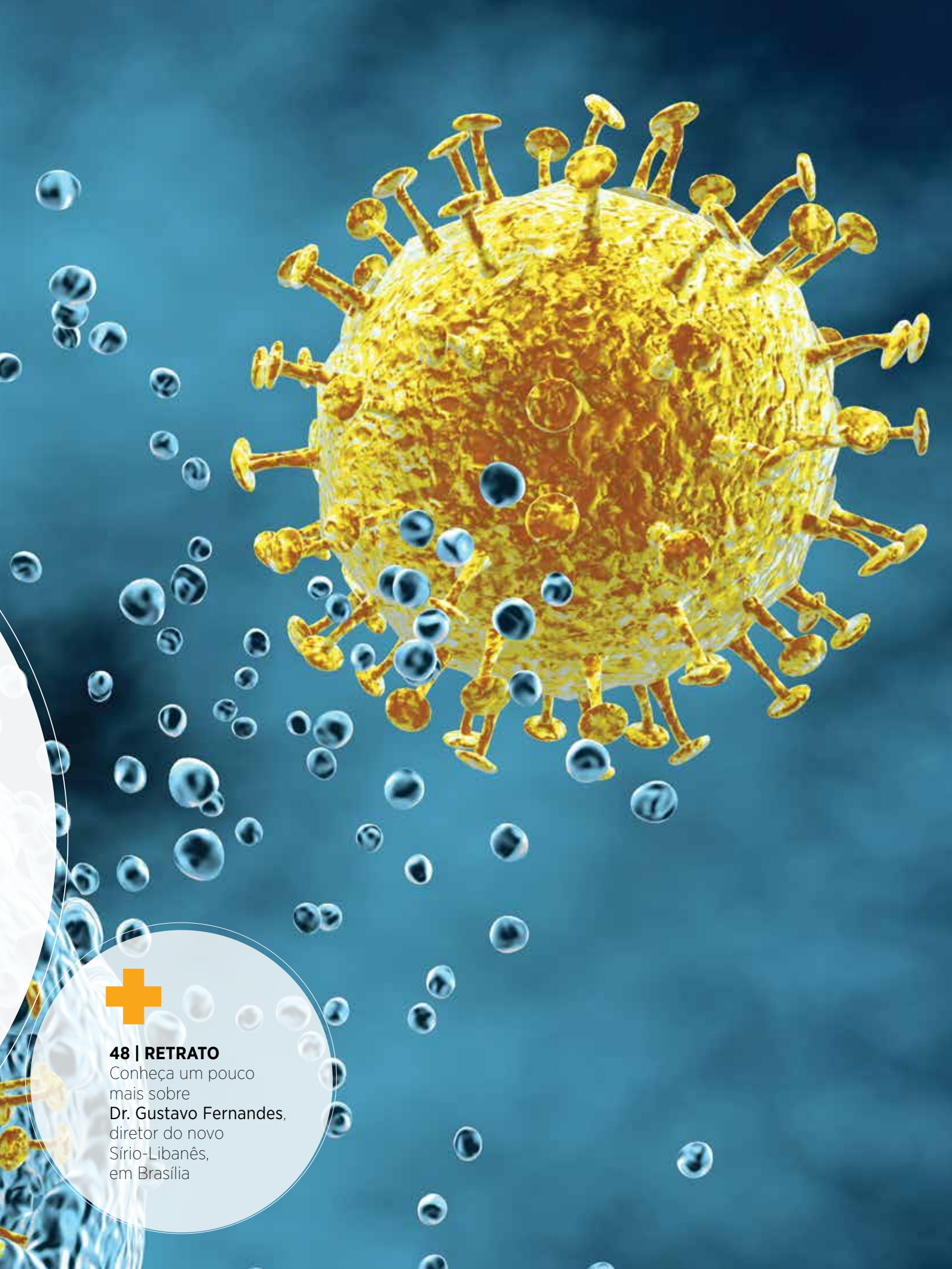
Dr. Alberto Helito conta como medicina e música integram e completam sua vida

44 | RESPONSABILIDADE

Hospital Municipal Menino Jesus é mais uma unidade sob gestão do Sírio-Libanês a receber certificação ONA

46 | CULTURA E LAZER

Tarsila do Amaral e Paul Klee são os destaques desta edição



48 | RETRATO

Conheça um pouco
mais sobre
Dr. Gustavo Fernandes,
diretor do novo
Sírrio-Libanês,
em Brasília

viver 4 | FIQUE POR DENTRO



Brasília:

a cidade escolhida



Depois de abrigar dois centros de Oncologia e um de Medicina Diagnóstica, o Hospital Sírio-Libanês amplia sua atuação na Capital Federal com inauguração de uma unidade hospitalar completa

À esquerda, Diretoria de Senhoras 2018 – 2021 – Sociedade Beneficente de Senhoras Hospital Sírio-Libanês; abaixo, membros da equipe Sírio-Libanês na inauguração do hospital em Brasília



Fotos Allan Santos

O Hospital Sírio-Libanês acaba de inaugurar sua primeira unidade hospitalar completa fora de São Paulo. Localizada em Brasília, na quadra 613 Sul, na via L2 Sul, ela terá atendimento em diversas especialidades, como cardiologia, neurologia, ortopedia, de emergência por meio do Pronto Atendimento, além da já conceituada oncologia. Sob direção de Dr. Gustavo Fernandes, o hospital tem mais de 30 mil metros quadrados, 144 leitos, 30 UTIs, seis salas de cirurgia equipadas com os mais modernos recursos e prontas para cirurgias robóticas, entre outros, sempre

com o padrão de excelência do Hospital Sírio-Libanês.

A Instituição já está presente na Capital Federal desde 2011, quando inaugurou o primeiro Centro de Oncologia – depois abriu a segunda unidade oncológica e um Centro de Medicina Diagnóstica. Segundo Dr. Paulo Chapchap, diretor geral da Sociedade Beneficente de Senhoras Hospital Sírio-Libanês, a unidade da Capital Federal nasce grande, com dimensões próximas a 30% do tamanho da matriz paulistana, que mantém 469 leitos. “E a diferença entre ambas termina aí. Da excelência médica ao tecido dos lençóis, tudo será exatamente

igual”, afirma. “Já existe altíssima qualificação em Brasília e os profissionais da saúde prestam aos cidadãos um serviço de qualidade”, completa, referindo-se aos mais de 500 profissionais já contratados para trabalhar no novo hospital, a maior parte residentes de Brasília e cidades próximas.

Dr. Gustavo Fernandes, que já era o responsável pelo Centro de Oncologia do Sírio-Libanês na cidade, acumula o comando do hospital. De acordo com ele, a unidade está preparada em pessoal e tecnologia para atender aos casos de baixa, média e alta complexidade. “Temos amplas instalações e as mais modernas tecnologias para



Dr. Gustavo Fernandes, oncologista e diretor geral do Hospital Sírio-Libanês, em Brasília

o atendimento dos pacientes. Isso é importante, mas as pessoas procurarão o nosso hospital, sobretudo, pelo diferencial das pessoas que trabalham aqui”, garante.

Para Dr. Fernandes, o hospital beneficiará muito a já conceituada oncologia em Brasília, pois vai assegurar acompanhamento completo aos pacientes. “Do diagnóstico ao desfecho clínico, passando por todo o tratamento definido pelo nosso corpo clínico especializado. Ofereceremos também atendimento multidisciplinar com as outras especialidades, sempre que for preciso”.

A cerimônia de inauguração, realizada

em fevereiro, contou com as presenças de Marta Kehdi Schahin, presidente da Sociedade Beneficente de Senhoras Hospital Sírio-Libanês, dos demais membros da Diretoria de Senhoras, do Conselho Deliberativo e de Administração, além da diretoria executiva, médicos e colaboradores. Dentre as autoridades presentes estavam o presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, o ministro Luís Roberto Barroso, também do STF, o vice-governador do Distrito Federal, Paco Britto, e Francisco de Assis Figueiredo, secretário de Atenção à Saúde (SAS), representando o Ministério da Saúde. ■

Responsabilidade social

Para Marta Kehdi Schahin (foto abaixo), ampliar a atuação em Brasília significa reforçar o propósito e os valores do Sírio-Libanês. “Este novo hospital contribuirá para ampliação da assistência à saúde na região Centro-Oeste, oferecendo atendimento humanizado e de excelência, marca da nossa instituição desde a fundação. Assim como em São Paulo, estenderemos nosso compromisso social genuíno, nossas ações filantrópicas e de responsabilidade social, oferecendo serviços de excelência em saúde. Quase um século depois, tenho certeza de que nossas antecessoras se orgulhariam de ver como as sementes por elas plantadas germinaram. Nosso propósito continua vivo! E o que nos move, e nos comove? A vida! A história do Hospital Sírio-Libanês é repleta de grandes contribuições para a saúde brasileira e será engrandecida com o trabalho a ser desenvolvido aqui. Juntos estamos escrevendo mais um importante capítulo da saúde do nosso país”.



A eterna busca pela felicidade

Para alguns, a felicidade é apenas

dade

um truque que move a humanidade adiante



Dá para afirmar que a busca pela felicidade move a humanidade ao menos desde a invenção da escrita. O homem registra sinais de que perseguir essa sensação de bem-estar desde sempre esteve entre suas prioridades. A descoberta do fogo e a invenção da roda são alguns exemplos disso. Com o surgimento da civilização, esse anseio foi crescendo e, hoje, é amplificado à vulgarização, com a internet alardeando milhares de vezes todos os dias como cada indivíduo é tão feliz, todo o tempo. Mas será mesmo? Isso é possível? O que é felicidade?

Há os que acreditam que ela vem com a

posse dos bens materiais, enquanto outros confiam no avanço espiritual, na rede de amigos, na luta por um ideal... A lista parece não ter fim. Mas o que, de fato, significa ser feliz? Há uma receita para conseguir isso? Essas dúvidas atormentam a mente de filósofos, psicólogos, escritores e até dos gurus há tempos. Livros foram escritos, peças encenadas e músicas compostas prometendo respostas – sem muito sucesso.

Alguns acham que felicidade não passa de um truque da natureza concebido em milhões de anos para nos motivar a seguir em frente. Funciona mais ou menos assim: as ações que aumentam nossas chances de sobreviver e procriar nos garantem o senti-

mento de bem-estar pleno. Ficamos tão bem que queremos repetir a experiência várias vezes e passamos a perseguir sem parar as coisas que nos deixam felizes, aumentando, assim, as chances de transmitir nossos genes, assegurando a manutenção da espécie e contribuindo para o avanço da dita civilização. Como escreveu o escritor americano Robert Wright em um artigo para a revista americana *Time*: “As leis que governam a felicidade não foram desenhadas para nosso bem-estar psicológico, mas para aumentar as chances de sobrevivência dos nossos genes a longo prazo”.

Em síntese é a busca pela felicidade que move a humanidade. Ela nos força a cons-



+ Para o psiquiatra do Hospital Sírio-Libanês, especializado em comportamento humano, Dr. Antônio Guerra, a felicidade vem com o conjunto de conquistas de cada um e os momentos infelizes ou mornos são o tempero necessário para incrementar essa boa sensação.

truir, estudar, trabalhar, economizar, juntar e gastar dinheiro, fazer amigos, ter filhos, protegê-los, casar, separar e até a brigar. Mas todas as conquistas são sensações provisórias, e toda vitória vem seguida de uma nova necessidade que continua nos movendo adiante, por isso a felicidade é considerada truque psíquico por alguns, um estratagema para a manutenção da raça humana.

A busca por essa sensação de bem-estar, poeticamente chamada de felicidade, está sempre presente na vida das pessoas em todas as culturas. Para o filósofo Mario Sergio Cortella “felicidade é uma ocorrência eventual”. É um estado transitório a ser desfrutado, não uma meta a ser alcançada. Para Cortella, se a felicidade fosse perene, morreríamos de tédio. “Grande parte de nossos bons senti-

mentos só vem à tona por causa de sua carência. Um copo de água é ótimo quando temos sede. Mas se precisamos tomar seis copos para fazer um exame de ultrassom, isso se torna extremamente desagradável”, explica.

Cortella também faz uma distinção entre felicidade e euforia. “A primeira é uma vibração intensa da vida, que nos ilumina. A segunda apenas nos alegra e é transitória”,



Elena Batkova/Getty Images

compara. Buscar essa iluminação é inerente à natureza humana.

UMA BUSCA CANSATIVA

Em uma coisa todos esses estudiosos concordam, a busca desenfreada por ser feliz pode nos colocar no caminho oposto, o da infelicidade. Na opinião de especialistas do Hospital Sírio-Libanês, no mundo de hoje, motivadas até pela ostentação generalizada de felicidade nas redes sociais, há diversas maneiras desesperadas de buscar situações felizes, inclusive lançando mão de coisas ruins como consumismo, posse desmesurada de bens materiais, uso de drogas e outros

recursos. Mas isso pode ser perigoso e invariavelmente resulta em frustrações, que podem estar por trás do vertiginoso aumento dos casos de ansiedade, depressão e até de suicídios entre jovens.

O filósofo Eduardo Giannetti, autor do livro *Felicidade*, diz que é preciso distinguir as emoções: Uma coisa é “estar feliz”, um estado de ânimo circunstancial, que descreve como estamos nos sentindo em determinado momento. Outra é “ser feliz”, bem mais importante, que envolve a avaliação de uma trajetória de vida. “Para responder se é feliz, a pessoa tem que considerar diversos aspectos de sua existência: emocional, social, pro-

fissional. Será que minha trajetória reflete o que considero ser uma vida bem vivida em todos os aspectos?”, diz Giannetti.

Outro risco bem atual é a medicalização da infelicidade, o uso indiscriminado de remédios, como antidepressivos e ansiolíticos, para evitar qualquer sombra de tristeza. “Quando foi lançado, o Prozac ficou conhecido como a ‘pílula da felicidade’, e passou a ser receitado a torto e a direito. Mas esse é um remédio que não pode ser usado sem um rigoroso acompanhamento médico que ateste uma real necessidade”, alerta Dr. Antônio Guerra, psiquiatra do Hospital Sírio-Libanês com especialização em comporta-



Yakobchuk Olena/Getty Images

mento humano. Além disso, segundo ele, é preciso separar os casos de tristeza dos de depressão. “Se a pessoa sofre com depressão, precisa se tratar e ser medicada. Já a tristeza é um sentimento inerente à vida e precisa ser vivenciada para que a dor seja superada. Não precisa, e nem deve, ser camuflada por medicamentos”, explica.

RECEITA PARA SER FELIZ

Um dos motivos pelos quais a felicidade é tão difícil de alcançar é que nem sabemos exatamente o que ela é. Daniela Achete, psicóloga da equipe do Sírio-Libanês, entende que a felicidade pura, absoluta e duradoura

é um estado inalcançável. “Nossas conquistas nos asseguram um sentimento de bem-estar que pode ser mais ou menos durável a depender do que foi conquistado e do que está presente na saúde psíquica de cada indivíduo.” Ela menciona aqui a importância de pesquisas como a do psicólogo americano Martin Seligman, da Universidade da Pensilvânia, que concluiu que felicidade é a soma de três coisas diferentes: prazer, engajamento e significado. “Por prazer, o psicólogo define a sensação que nos toma ao experimentarmos um prato bem feito, ouvir uma boa música ou uma boa piada ou estar apaixonado. Por engajamento, a capacidade de

entusiasmo de algumas pessoas com o que fazem, de doar-se totalmente a um bom livro, ao trabalho, aos estudos. E, finalmente, significado é a sensação de que nossa vida faz parte de algo maior”, explica.

Para o Dr. Antônio Guerra, a felicidade vem com o conjunto de conquistas de cada um e os momentos infelizes ou mornos são o tempero necessário para incrementar essa boa sensação. “Não há felicidade plena ou perene, e o sentimento de felicidade que obtemos com nossas conquistas são acentuados, chegam a picos de felicidade, quando passamos também por porções de infelicidade”, explica.



Pixel/ft/Getty Images

O filósofo Mario Sergio Cortella afirma que existe uma fórmula para ser feliz. Felicidade = realidade - expectativa. Quer dizer, a maneira como avaliamos nosso bem-estar depende de nosso nível de expectativa. Se for muito baixo, tendemos a nos considerar felizes. Se for alto demais, vamos nos sentir frustrados e, conseqüentemente, infelizes. “Todo sofrimento humano resulta de uma incongruência entre o que se deseja e como o mundo é. Todo sofrimento tem relação com essa incompatibilidade”, observa Gianetti. Por esse aspecto, talvez as pessoas hoje em dia se considerem menos felizes porque a expectativa subiu muito. Por causa do acesso à informação, podemos fazer mais comparações. Comparando nossa vida com a dos outros, podemos chegar à conclusão de que temos menos do que eles para

alimentar nosso estado de felicidade.

Giannetti diz que podemos escolher entre dois caminhos para alcançar a felicidade. No primeiro, tentamos transformar o mundo para que ele chegue mais perto do que desejamos. No segundo, procuramos adaptar nossos desejos para que as condições adversas do mundo não nos façam mergulhar



É o dia a dia de uma
pessoa e a maneira
como ela reage
às situações
mais banais que
definem seu nível
de felicidade

no sentimento de infelicidade. Não há uma escolha certa. “Tanto as pessoas quanto as culturas variam muito na ênfase que dão a essas duas estratégias: a voluntarista, que busca mudar o mundo, e a fatalista, que prefere se adaptar”. Seja como for, cada um tem o seu jeito particular de resolver a equação colocada por Cortella. Ele próprio revela: “Minha fórmula pessoal é a de não admitir que os momentos de penumbra me impeçam de procurar o sol”.

Essa postura, o estar pronto para deixar o estado de plena satisfação eclodir quando a oportunidade se coloca, também faz toda a diferença. Segundo Cortella, existe um perfil que é mais propício à felicidade. “São aquelas pessoas que olham mais para a maçaneta do que para a fechadura”, explica. Ou seja, estão mais focadas na possibilidade de abrir a porta do que no fato de ela estar fechada. São mais otimistas com o mundo ao redor. É um ponto de vista que merece reflexão.

De leigos a estudiosos, o que dá para extrair de tudo o que se fala sobre felicidade é que ela não deve ser um fim em si, e sim uma consequência do jeito como você leva a vida. As pessoas que procuram receitas e respostas complicadas para ela acabam perdendo de vista os pequenos prazeres e alegrias. É o dia a dia de uma pessoa e a maneira como ela reage às situações mais banais que definem seu nível de felicidade. Ou, para resumir tudo: um jeito garantido de ser feliz é se preocupando menos com isso. ■

Felicidade global

O sentimento de felicidade é tão caro para a humanidade que ocupa as preocupações da ONU (Organização das Nações Unidas). Tudo começou no Butão, em 1972, quando, respondendo às críticas de que a economia do seu país crescia miseravelmente, o rei Jigme Singye Wangchuck criou o FIB (Felicidade Interna Bruta), índice interno para medir o bem-estar da população, e firmou o compromisso de construir uma economia adaptada à cultura do país, baseada nos valores espirituais budistas. Quarenta anos depois, em 2012, Jigme Thinley, à época primeiro ministro do Butão, foi convidado para presidir a primeira Reunião do Alto Nível da ONU sobre “Felicidade e Bem-Estar: Definindo um Novo Paradigma Econômico”. O primeiro Relatório Mundial da Felicidade foi lançado em 1º de abril de 2012 como material-base para a reunião. Foi a primeira pesquisa sobre a felicidade global. Ela descrevia o estado de felicidade mundial, as causas da felicidade e da miséria, e as implicações políticas destacadas por estudos de caso. Em setembro de 2013, o segundo relatório apresentou a primeira continuação anual e, desde então, os relatórios passaram a ser emitidos anualmente. Em 2018, a Finlândia ocupou o primeiro lugar no ranking, e o Brasil, o 32º.



Anyaberkut/Getty Images

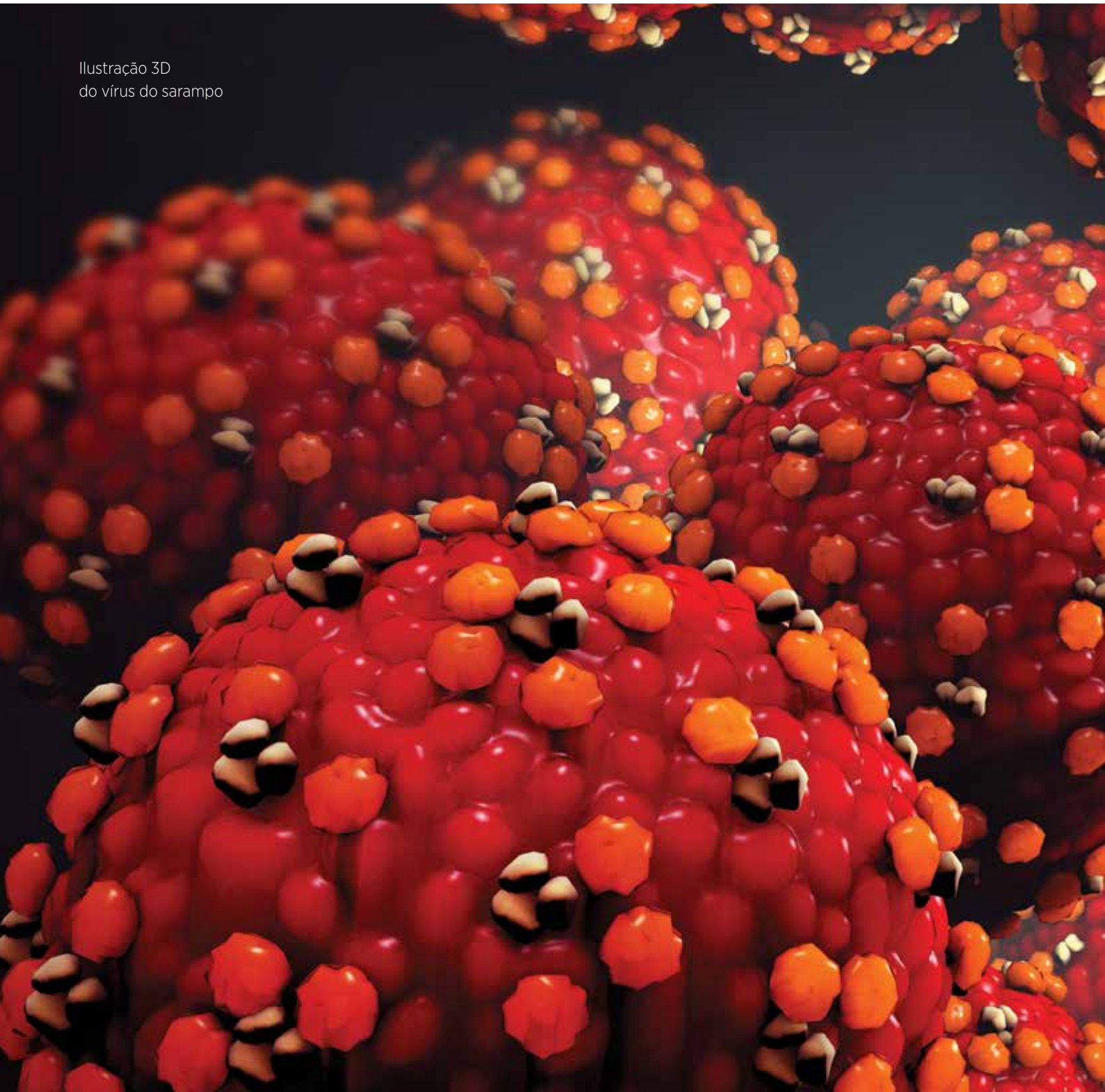
WHR

World Happiness Report

DOS 156
PAÍSES
PARTICIPANTES,
BRASIL É
O 32º COLOCADO
NO RANKING
DE FELICIDADE
DA ONU

1. Finlândia
2. Dinamarca
3. Noruega
4. Islândia
5. Holanda
6. Suíça
7. Suécia
8. Nova Zelândia
9. Canadá
10. Áustria
11. Austrália
12. Costa Rica
13. Israel
14. Luxemburgo
15. Reino Unido
16. Irlanda
17. Alemanha
18. Bélgica
19. EUA
20. República Tcheca
21. Emirados Árabes
22. Malta
23. México
24. França
25. China
26. Chile
27. Guatemala
28. Arábia Saudita
29. Catar
30. Espanha
31. Panamá
- 32. Brasil**

Ilustração 3D
do vírus do sarampo





Um movimento contagioso

Mitos e desinformação sobre **vacinas** causam o reaparecimento de doenças evitáveis e preocupam autoridades

Na contramão do movimento antivacina, Filomena Petcov, 60 anos, fez uma campanha nas redes sociais pedindo aos pais que não deixem de vacinar seus filhos. Vítima da poliomielite, ela conta que aos sete meses de idade contraiu o vírus e quase morreu. De acordo com Filomena, sua mãe nunca teve coragem de lhe dizer que não a havia vacinado contra a doença. “Soube disso por uma de minhas irmãs, somente depois da morte de minha mãe. Segundo ela, minha mãe morria de culpa e vergonha por isso.” Hoje, além da paralisia, Filomena luta contra a síndrome pós-polio, que paralisou suas pernas e a colocou em uma cadeira de rodas. Consequência da poliomielite, trata-se de uma patologia recém-descoberta que provoca acentuada perda muscular e enfraquece os membros. “Com essa nova doença, está muito difícil realizar as mais simples atividades do dia a dia e pensar que a vacina evitaria tudo isso”, conta.

Em seu relatório mais recente, divulgado em novembro de 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu uma queda na cobertura vacinal mundial, em especial para o sarampo. A organização apontou um crescimento de 30% nos ca-

sos de sarampo pelo mundo, entre 2016 e 2017, e destacou que, embora esse aumento não possa ser explicado somente pela renúncia à vacinação, é apontado como exemplo dos riscos subjacentes a essa opção. Ainda conforme o relatório, os fatores por trás de tal crescimento são o descaso, a disseminação de informações falsas sobre vacinas e, em alguns casos, o colapso dos sistemas de saúde de vários países. “Casos relativamente esparsos [que um país possa registrar hoje] podem rapidamente se tornar dezenas, centenas ou milhares sem a proteção dada pelas vacinas”, alertou a organização no documento.

O PORQUÊ DA NEGLIGÊNCIA

Como resultado da negligência à vacinação, as Américas, a Europa e o leste da região mediterrânea sofreram os piores surtos de sarampo nos últimos 12 meses, e o Brasil deve perder o certificado de erradicação ainda este ano.

Entre os países que mais sofrem com a volta do sarampo estão os Estados Unidos, que, não por acaso, também estão entre os países em que o movimento antivacina é muito forte. Persistindo na divulgação de uma série de mitos sobre as vacinas, a des-

+ “A vacina é uma das melhores invenções humanas na saúde, ela é capaz de prevenir o adoecimento de crianças e adultos para patologias que têm muitas reações adversas. Precisamos lembrar que um sarampo, nunca é só isso, pode tornar-se meningocéfalite, por exemplo. Asseguro que não há nenhuma vacina em uso no mercado global que não tenha sido submetida a diversos e cautelosos estudos.” **Dra. Maria Zilda, infectologista do Hospital Sírio-Libanês**

Katarzyna Bielasiewicz/Getty Images





peito das evidências científicas sobre os benefícios da imunização, ativistas antivacina têm ganhado muitos adeptos graças às redes sociais, especialmente o Facebook. O que começa a preocupar autoridades e especialistas mundo afora.

A infectologista do Hospital Sírio-Libanês, Dra. Maria Zilda, afirma que a vacina foi uma das maiores descobertas da humanidade, comparada à penicilina, faz um alerta aos pais sobre a importância de vacinar seus filhos e atesta a segurança de todo o processo: “A vacina é uma das melhores invenções humanas na saúde, ela é capaz de prevenir o adoecimento de crianças e adultos para patologias que têm muitas reações adversas. Precisamos lembrar que um sarampo, nunca é só isso, pode tornar-se meningoencefalite, por exemplo. Asseguro que não há nenhuma vacina em uso no mercado global que não tenha sido submetida a diversos e cautelosos estudos”, enfatiza.

Ela não é a única que se assusta com a queda da cobertura vacinal pelo mundo. Autoridades da saúde de todos os lugares iniciam uma espécie de contramanifesto em defesa da vacina, demonstrando preocupação com a força crescente nas redes sociais do movimento antivacinação, que partilha informações falsas e alarmistas sobre supostas consequências nocivas da imunização. No início deste ano, diversas autoridades vieram a público pedir para as redes sociais adotarem medidas severas contra esse conteúdo e conseguiram a promessa de censura de Facebook, Pinterest e Youtube. A própria OMS afirmou que considera a resistência à vacinação “uma das dez maiores ameaças” para a saúde pública em 2019. “Neste momento, a vacinação previne dois a três milhões de mortes por ano, e mais 1,5 milhão podem ser evitadas se a cobertura global melhorar”, indica a OMS. ■

Os mitos propagados

1 A queda nos níveis de imunização em países ocidentais

nas últimas décadas tem sua origem, de forma mais ampla, em uma polêmica criada pelo cirurgião britânico Andrew Wakefield. Em um artigo publicado em 1997 no *The Lancet*, Wakefield argumentava que a vacina contra sarampo, caxumba e rubéola estaria por trás do aumento de casos de autismo entre crianças britânicas.

1

‘Relação entre vacina e autismo’

Uma série de estudos publicados desde então refutam a existência dessa relação entre a vacina e o autismo. De lá para cá, a própria revista *The Lancet* retirou o estudo de seus arquivos e, em 2010, Wakefield teve o registro de médico cassado no Reino Unido. Mas o erro do ex-cirurgião ainda teve repercussão suficiente para derrubar as taxas de imunização contra sarampo, caxumba e rubéola no Reino Unido de 92%, em 1996, para 84%, em 2002. Os níveis voltaram a subir nos últimos anos, alcançando 91%, mas ainda estão abaixo do recomendado pela OMS, que é 95%.

2

‘O sistema imunológico das crianças não suporta tantas vacinas’

Há 11 vacinas recomendadas a bebês e crianças de até 2 anos de idade. Alguns acham esse número elevado e temem que a imunização na primeira infância sobrecarregue o sistema imunológico dos filhos. Uma preocupação recorrente é o fato de que muitas vacinas funcionam inoculando vírus ou bactérias causadores de doenças no corpo, ainda que atenuados. É importante saber que essas vacinas são feitas com versões modificadas dos micro-organismos para que eles não causem os efeitos da doença no corpo, mas o preparem para reagir quando em contato de risco real com o vírus. Além disso, um dos mais conhecidos trabalhos de revisão de dados científicos disponíveis sobre a relação entre múltiplas vacinas e o sistema imunológico de crianças, do pediatra americano Paul A. Offit, demonstra que bebês desenvolvem a capacidade de responder a antígenos (substâncias que estimulam uma resposta imunológica) ainda antes de virem ao mundo. “Com apenas algumas horas de nascidos, eles são capazes de estruturar uma resposta imunológica às vacinas.”



MarianVejcik/Getty Images

3

‘Muitas doenças já estavam desaparecendo quando as vacinas surgiram’

Outra discussão presente nesses grupos é a de que a melhoria das condições socioeconômicas – refletida na nutrição e no saneamento básico, por exemplo – seriam tão eficientes quanto as vacinas para combater tais infecções. “De fato tais avanços contribuíram para a redução das taxas de mortalidade, antes de as vacinas serem introduzidas. Mas são as vacinas as responsáveis por ampliar em escala a redução do contágio no quadro geral de saúde pública”, afirma Dra. Maria Zilda. Nos Estados Unidos, por exemplo, o total de mortes causadas por sarampo caiu de 5,3 mil, em 1960, para 450, em 2012, de acordo com o Centro para o Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês). A primeira vacina contra sarampo surgiu em 1963. “Além disso, o conhecimento acumulado pela saúde hoje aponta que reduzir os níveis de imunização pode levar ao renascimento de outras doenças”, alerta a infectologista. Nos anos 1970, por exemplo, Japão e Suécia registraram um salto no número de casos e de mortes de outra doença evitável, a coqueluche, depois de uma temporada de menor vacinação das crianças contra a doença.

4

‘A maioria das pessoas que adoecem foi vacinada’

Adeptos do movimento antivacina usam também esse argumento contra a imunização. É preciso lembrar que as pessoas vacinadas são a maioria da população. Além disso, nenhuma vacina é 100% eficaz. A OMS afirma que a maioria das rotinas de imunização infantil funciona para até 95% dos vacinados. Pessoas não vacinadas, no entanto, costumam adoecer com maior frequência e a doença costuma se manifestar com mais força.

5

‘Vacinas contêm toxinas perigosas’

Essa preocupação vem do uso de mercúrio e alumínio na produção das vacinas. Mas, usadas em níveis adequados, essas substâncias não fazem mal à saúde. De acordo com a Food and Drug Administration (FDA) dos Estados Unidos, agência local de controle e regulamentação de alimentos e remédios, uma vacina padrão, que use mercúrio na composição, tem uma concentração de 25 microgramas do elemento a cada 0,5 ml e não causa danos à saúde.

6

‘Essa doença foi erradicada em meu país, não preciso me vacinar’

Algumas doenças são mais prevalentes e até endêmicas em alguns lugares. Justamente, por isso, podem viajar com facilidade entre os países e renascer em regiões onde estavam erradicadas. Os casos de sarampo na Europa, por exemplo, triplicaram entre 2017 e 2018 e chegaram a quase 83 mil – o maior número da década.

7

‘As vacinas são um grande negócio para a indústria farmacêutica’

Outro argumento que os contrários à vacinação gostam de usar. No entanto, Miloud Kadar, economista do segmento de saúde da OMS, estimou que o mercado global de vacinas representava menos de 3% do total do mercado farmacêutico, em um estudo feito em 2013. Na opinião dos especialistas, as vacinas podem, sim, ser uma área interessante para as empresas farmacêuticas, mas, até do ponto de vista financeiro, elas são um grande ganho para a humanidade, pois ficar doente é muito mais caro do que prevenir. A Universidade Johns Hopkins demonstrou em estudo recente que a cada dólar investido em vacinação nos 94 países de menor renda média do planeta, US\$ 16 eram economizados em despesas no sistema de saúde, incluindo perdas salariais e perdas com produtividade causadas por adoecimento e por morte.

*Ampliamos nossa atuação
e o Hospital Sírio-Libanês, em
Brasília, já está funcionando.*



Novos
caminhos
■■■■■■■■■ **novas**
histórias


*Excelência no cuidado em diversas
especialidades como Oncologia,
Cardiologia, Ortopedia e Neurologia*

**+ Pronto Atendimento Adulto, Medicina
Diagnóstica e Centro Cirúrgico**



Responsável técnico: Dr. Gustavo dos Santos Fernandes – CRM/DF: 16558

 **SGAS 613, s/n, Lote 94 • Asa Sul**

Informações sobre
cobertura e reembolso:  **(61) 3044-8888**

 www.hsl.org.br



**HOSPITAL
SÍRIO-LIBANÊS**



É um brinde refrescante

Clericot, ponche e sangria

são bons para servir o ano todo no Brasil,
mas melhores ainda para os dias mais quentes

Calor o ano todo? Brasil. Não há clima mais adequado para drinks refrescantes do que o dos países tropicais. A boa notícia é que sangria, ponche e clericot estão de volta à cena e são perfeitos para receber bem os amigos e a família.

Apesar de parecidos, os três drinks têm suas diferenças e especificidades. Têm em comum a beleza e as frutas – são elas, na verdade, que garantem o lindo visual a jarras e tigelas transparentes –, mas as bases das receitas dessas bebidas alcoólicas são bem distintas. ■

Pela saúde, vá com calma Lily Bollinger, proprietária da Maison de Champagne, fornecedora oficial da bebida à família real da Inglaterra no século 20, costumava dizer que bebia feliz ou triste, às vezes sozinha e obrigatoriamente quando estava acompanhada. Mas os médicos orientam a não levar a frase da madame ao pé da letra, a recomendação de segurança sugere duas taças de vinho por dia para o homem e uma para a mulher. “Vinho não é alimento, é uma bebida alcoólica, deve-se ter cuidado com ele”, afirma o presidente da ABS, Arthur Azevedo. O vinho branco não tem sequer os mesmo benefícios que o tinto para a saúde. Dr. José Luiz Alvim Borges, coloproctologista do Hospital Sírio-Libanês explica que a quantidade de polifenóis do vinho branco ou rosado é muito pequena, porque a substância se encontra na casca das uvas tintas. “Desde que não tenha nenhuma contraindicação para álcool – caso de doentes hepáticos, grávidas, mulheres com histórico familiar de câncer de mama –, o consumo pode ser feito, mas precisa ser contido”. Além disso, é uma bebida calórica, com muito açúcar, o que não seria indicado para diabéticos ou quem está em dieta.

Veja as diferenças

Ponche é feito com rum

O ponche veio de longe. A bebida foi criada na Índia e levada à Inglaterra no século 17, uma das riquezas que o colonizador britânico trouxe do continente asiático. Rapidamente, conquistou realza e nobres, que a levaram para os Estados Unidos. Assim, o ponche ganhou as Américas. Tradicionalmente, a bebida alcoólica de base do ponche é o rum. Respeitando a receita original, são colocados no recipiente em que será servido o rum, sucos e pedaços de frutas da época. É costume servir o drink em uma grande tigela, e não em jarra, e é recomendado que esta seja transparente para dar destaque à beleza das frutas picadas. Ao longo dos anos, o ponche ganhou variações, mas a base continua sendo o rum e a tigela ainda é o recipiente ideal para prepará-lo. A bebida deve ser transferida para os copos com o auxílio de uma concha.

A sangria é feita com vinho tinto

Original da Andaluzia, uma comunidade espanhola autônoma localizada no sul da Península Ibérica, a sangria recebeu este nome em referência ao derramamento de sangue das touradas. De acordo com conhecedores da tradição espanhola, foi provavelmente nesses eventos que a bebida começou a ser servida, à época, voltada ao público que não podia tomar vinho tinto puro. A base da sangria é o vinho tinto seco. Na receita original, juntam-se ao vinho frutas fatiadas ou cortadas em pedaços, refrigerante de limão (que data do século 17), açúcar e gelo. Com o passar dos anos, a receita foi sendo adaptada aqui e ali. Assim como o ponche, há versões novas de sangria que ganharam outros ingredientes, incluindo outras bebidas alcoólicas, sucos e especiarias. Também é permitido usar vinho tinto suave. A sangria é preparada e servida em jarras grandes e transparentes.

Clericot cai bem na jarra ou na tigela

O clericot é francês e chegou à América Latina por meio da Argentina e do Uruguai, onde é frequentemente servido no verão, especialmente em Punta del Este. Mas, como o que é bom normalmente tem mais de um autor, vale registrar que os britânicos juram que o clericot foi inventado por ingleses que moravam na Índia, perto da época em que conheceram o ponche. Originalmente o clericot é feito com a mistura de conhaque, xerez, suco de limão, refrigerante e frutas, como maçã e pêssego. Mas, o tempo lhe conferiu mudanças e, hoje, as receitas latinas mais comuns o tornaram uma bebida bem mais fresca, com a utilização de espumante no lugar do conhaque e do xerez e acréscimo de várias outras frutas. O drink pode ser servido em jarra ou tigela.



É possível dizer não à carne e manter uma dieta saudável e equilibrada

Chegou a era

vegg



grna

É cada vez maior o número de adeptos de movimentos que excluem a proteína animal da alimentação e, segundo artigos recentes das revistas *Forbes* e *The Economist*, a opção deve virar regra. Pautados por questões como saúde, sustentabilidade e respeito aos animais, os adeptos a movimentos que estão abolindo a carne da alimentação – como vegetarianos, flexitarianos e, especialmente, veganos – são cada vez mais numerosos, bem como a oferta de produtos para esse público. O aumento é tamanho que as revistas estrangeiras chegaram a batizar 2019 de Ano dos Veganos.

O movimento é mais forte nos países ricos e entre os *millennials*, geração de 24 a 35 anos. Um quarto dos norte-americanos já se definem veganos ou vegetarianos, segundo a *The Economist*. No Brasil, embo-

ra menor, o movimento aumenta rapidamente. O Ibope calcula que, hoje, 14% dos brasileiros se enquadrem em uma dessas categorias. Em 2008 essa fatia era de 8%. E, para garantir conforto a esse público e vender mais, as empresas não param de criar produtos para atender à crescente demanda. As linhas vão de alimentação, limpeza e cosméticos à mobília. Até a cadeia de fast-food McDonald's lançou no final do ano passado dois sanduíches sem carne no Brasil e já oferece um produto vegano em Nova York. A dúvida que ainda impede alguns de aderirem à tendência é como fica a saúde sem a proteína animal.

SAÚDE

Dra. Maria Rafaella Santos Leite, nutróloga do Hospital Sírio-Libanês, disse que a dieta vegetariana ou vegana é muito antiga, tem várias segmentações e, visivelmente, conquista novos adeptos a cada dia, em especial pessoas que se preocupam com saúde e meio ambiente. De acordo com ela, pensando na saúde, pode-se afirmar

sorendis/Getty Images



Conheça as segmentações presentes entre os adeptos do

Veganos

A motivação é ética. O grupo que mais cresce no mundo e atrai fortemente a atenção da indústria é o vegano. **Eles não consomem nada de origem animal seja comida, vestuário, espetáculos.** Enfim, qualquer atividade que apresente risco de sofrimento a animais é excluída da vida de um vegano. **O veganismo é uma postura política e não apenas uma dieta.** O boicote a produtos ou serviços obtidos sem respeito ao animal é o manifesto da filosofia de vida do grupo para as empresas. São excluídos do consumo dos veganos todos os produtos com qualquer ingrediente de origem animal ou ainda que usem animais para testes, isso inclui itens como mel, gelatina (tendões e cartilagens), lã e outros insumos da indústria que derivem de animais.

Vegetarianos estritos

Não consomem **nenhum tipo de carne, laticínios ou ovos** em sua alimentação.

Ovolactovegetarianos

Não consomem **nenhum tipo de carne** (nem frango, peixe ou frutos do mar), mas **consomem laticínios e ovos.** As motivações variam, embora na maioria dos casos também sejam relativas à compaixão com os animais. Parte dos ovolactovegetarianos migra para o veganismo gradativamente.

Lactovegetarianos

Também **não comem carne**, como os ovolactovegetarianos, mas **eliminam ainda os ovos da dieta.** Nesse tipo de vegetarianismo, a motivação costuma ser religiosa. É predominante em países como a Índia.



Ilustrações Tatiana Davidová/Getty Images



que essas dietas são, sim, saudáveis, mas precisam de acompanhamento de especialista. “Ocorre que a biodisponibilidade de alguns vegetais é baixa, e os adeptos dessas dietas podem ter carência de micronutrientes importantes como ferro, cálcio e vitamina B12. Para os que comem ovos e laticínios, não há riscos, mas para o vegano é indispensável o apoio de um profissional da saúde, nutricionista ou nutrólogo, no planejamento da dieta.”

Outro aspecto para o qual Dra. Rafaella chama atenção é o aumento de obesidade entre as pessoas que adotam dietas vegetarianas ou veganas. Segundo ela, ao renunciar à proteína animal, é comum que as pessoas engordem porque sentem mais fome e, como consequência, passam a consumir mais carboidratos. “Para obter saciedade, macro e micronutrientes que assegurem nossa saúde, o ideal é realizar previamente os exames necessários e ter a dieta livre de carnes planejada por um especialista que consiga adequar a alimentação às necessidades de cada organismo”, conclui. ■

vegetarianismo e suas motivações

Flexitariano

No flexitarianismo, a carne é cortada da dieta em um ou alguns dias da semana, uma espécie de vegetarianismo flexível, sendo um passo a caminho da mudança de hábito. Além da ingestão de carne de maneira moderada, o movimento prevê a introdução de uma dieta rica em vegetais, cereais integrais e legumes. A motivação desse grupo é saúde e proteção ao animal.

Outros grupos

Há ainda **semivegetarianos** e **pescovegetarianos**, que não são reconhecidos como vegetarianos, mas consomem produtos de origem animal com restrições. Entre os veganos, existe também os **frugívoros**, que se alimentam primariamente de frutos. Outro grupo de vegetarianos conhecido é o **crudívoro**, que só se alimenta de alimentos crus. Os crudívoros não são, necessariamente, veganos. A motivação mais comum entre os crudívoros é a saúde e não é raro encontrar crudívoros que consomem mel e outros produtos de origem animal. Existem também os **ovovegetarianos**, que não consomem nenhum tipo de carne nem laticínios, mas consomem ovos e derivados.



DIETA VEGANA: O QUE NÃO PODE FALTAR

Atenta às deficiências nutricionais da dieta vegana, Érika Suiter, nutricionista e coordenadora do serviço de alimentação do Hospital Sírio-Libanês, montou um quadro de nutrientes que merecem atenção. Segundo ela, com o planejamento adequado, a dieta vegana pode satisfazer as necessidades nutricionais de todas as idades, inclusive de crianças, adolescentes, gestantes e nutrizes. “A chave é estar ciente de suas necessidades nutricionais para que você possa planejar a dieta adequada”, afirma.

E completa: “Procure um profissional capacitado que possa orientá-lo sobre como elaborar seu cardápio e sugerir as melhores combinações e suplementos, caso haja necessidade.”

1

Proteína

a proteína também está disponível em leguminosas, **frutas oleaginosas** (amêndoas, castanhas, nozes), chia, soja, quinoa e amaranto. Mas é preciso ter cuidado com a biodisponibilidade. A dica é combinar cereais e leguminosas nas refeições.

2

Vitamina B12

apesar de ser encontrada em algas e leveduras, essa vitamina só se apresenta em sua forma ativa em alimentos de origem animal. Por isso, a B12 deve ser ingerida nesse tipo de dieta por meio de alimentos enriquecidos ou suplementos, preferencialmente com orientação médica.



3

Ferro

o mineral ingerido por meio de alimentos de origem vegetal é menos absorvido pelo organismo humano. Por isso, na dieta vegana, é necessário aumentar a ingestão de alimentos que sejam fontes de ferro, como leguminosas, **vegetais verde-escuros**, frutas secas (damasco, ameixa e uva passa), e consumir alimentos ricos em vitamina C (frutas cítricas, morango, brócolis, couve, pimentas, acerola e goji berry) para melhorar a absorção. Além disso, a recomendação é evitar o consumo de café, chá verde, chá preto e refrigerantes nas refeições, pois eles inibem a absorção do ferro.

4

Cálcio

brócolis, repolho, folhas de mostarda, nabo, chia, leguminosas, nozes, semente de gergelim e **bebidas vegetais enriquecidas** são boas fontes vegetais de cálcio.

5

Zinco

dietas vegetarianas em geral tendem a ser pobres em zinco, a vegana é a pior, pois a maior oferta desse mineral está em carnes, peixes e aves. As maiores fontes vegetais de zinco são os **grãos integrais, as leguminosas e oleaginosas**.

6

Ômega 3

é um tipo de gordura essencial, não é produzida pelo organismo e deve ser adquirida por meio da alimentação. A principal fonte de ômega 3 são os peixes. A gordura também é encontrada em alimentos de origem vegetal, como a **chia e a linhaça**, que podem ser incluídos no cardápio na forma de sementes, óleo para tempero de saladas e em cápsulas.



À direita e abaixo, a nova sede da **Casa Triângulo**, com aproximadamente 500 m², inaugurada em 2016 nos Jardins, tem presença urbana. A galeria representa os artistas Sandra Cinto, Nino Cais, Vânia Mignone e Alex Cerveny entre outros

Cada vez mais especializadas e com ampla programação de mostras nacionais e internacionais, as galerias entraram para a agenda cultural e são destaques pelo país

A arte contemporânea brasileira alcançou relevância internacional na última década. Instituições como MoMA, Metropolitan, Tate, Pompidou e outras de igual prestígio na cena mundial passaram a expor importantes artistas brasileiros. Isso mais o destaque dos artistas nacionais nas principais feiras de arte pelo mundo, como a Arco (Madri), a Frieze (Londres e Nova York) e a Art Basel de Miami, deu bossa ao crescente mercado de galerias de arte brasileiras, que hoje integram com pompa a agenda cultural da população, oferecendo atrações, inclusive gratuitas, para os interessados em artes visuais.

São Paulo e Brasília são dois exemplos disso. Somente na capital paulistana há perto de 200 galerias, oferecendo atividades e mostras de qualidade internacional, abertas ao público e presentes na programação da cidade.

Em Brasília, capital do design e um dos patrimônios históricos e culturais do país reconhecidos pela Unesco, as galerias de arte ganharam força na última década. Hoje, além de monumentos e ruas sem esquinas, a agenda da cidade incorporou a

programação de mostras dos artistas da cidade, responsáveis por estimular a indústria criativa da capital em ateliês e galerias independentes. Frequentemente, as galerias brasilienses incluem também nomes do Brasil e do mundo em suas exposições.

Uma novidade que tem movimentado a cena contemporânea do DF é a chegada da Galeria Casa. Recém-aberto, sob iniciativa da Valença Empreendimentos e Participações, o espaço vai funcionar num sistema de ocupação. A cada mês, uma galeria de arte da cidade se instalará no local para exposições, encontros com artistas e curadores, palestras, visitas orientadas e ateliês abertos com entrada gratuita. À frente da Galeria Casa está Carol Kanj, consultora de novos negócios do CasaPark. De 1º a 23 de junho, a ocupação será da Galeria Ponto e da Matéria Plástica – Arte Atemporânea. No segundo semestre de 2019, o Elefante Centro Cultural ocupará o espaço (1º a 21 de julho). De 1º a 25 de agosto, a Referência Galeria de Arte é que mostra seu trabalho.

Em São Paulo, cidade que abriga a segunda mais antiga Bienal do mundo, as galerias são hoje um importante polo de produção e divulgação de arte. O movimento foi impulsionado pela internacionalização desse mercado e pelas galerias cada vez mais qualificadas distribuídas pela cidade, em especial nos Jardins e na Vila Madalena.

Antes conhecida pelos bares e restaurantes ocupados por boêmios paulistanos, recentemente a Vila Madalena ganhou outro público: os amantes das artes, que visitam as dezenas de galerias espalhadas pelas redondezas, de segunda a sexta, entre 10h e 19h, e aos sábados pela manhã. Ao lado dos Jardins, tradicional endereço das galerias paulistanas, a Vila é hoje o endereço das melhores galerias do Brasil.



Fotos Leonardo Finotti

GALERIAS

DICAS

- Na Vila Madalena, a melhor opção é passear a pé. É possível conhecer até quatro galerias caminhando pelas ruas dos bairros. Nos Jardins, o passeio fica melhor de carro ou bicicleta.
- No site BSB Plano das Artes há um mapa com boa parte das galerias de Brasília e suas programações: <http://bsbplanosdasartes.com.br>.
- É importante saber também que algumas galerias trabalham com portas fechadas, mas basta tocar a campanha para fazer a visita. Todo visitante é bem-vindo.



CONQUISTAM O MUNDO



© Emiliano Hagge



Nesta página, a casa modernista projetada pelo arquiteto Rino Levi, que abriga a **Galeria Luciana Brito**. Representante brasileira de Alex Katz, Allan McCollum, Anthony McCall, Leandro Erlich, Liliana Porter e Marina Abramovic, a galeria foi responsável pela primeira mostra individual desses artistas no país

SÃO PAULO - SP

Jardins

Galeria Lume

Perfil: Ligar o trabalho de quem produz a curadores. Representa artistas que se expressam por meio da fotografia, da arte digital, de intervenções urbanas, da pintura e da escultura. Rua Gumerindo Saraiva, 54, Jardim Europa. Tel: (11) 4883-0351.

Casa Triângulo

Perfil: Revelar artistas brasileiros e ajudá-los na consolidação de suas carreiras. No Jardim América, a construção moderna, uma caixa branca com fachada translúcida, não passa despercebida. Rua Estados Unidos, 1.324, Jardim América. Tel: (11) 3167-5621.

Luciana Brito Galeria

Perfil: Abriga artistas de relevância mundial, tanto nacionais quanto estrangeiros, como Marina Abramovic, Alex Katz e Waldemar Cordeiro (1925-1973). Ocupa uma casa modernista projetada por Rino Levi (1901-1965) no Jardim Europa. Av. Nove de Julho, 5.162, Jardim Paulista. Tel. (11) 3842-0634.

Vila Madalena

Fortes Vilaça

Perfil: Estão expostas obras do artista britânico Simon Evans, que se utiliza da tecelagem para produzir seus trabalhos. Até tapetes de yoga são matéria-prima de uma de suas obras. Rua Fradique Coutinho, 1.500, Vila Madalena. Tel: (11) 3032-7066.

Millan

Perfil: Fundada em 1986, é uma das mais importantes do Brasil e representa artistas renomados como Dudi Maia Rosa, Lenora de Barros, Mário Cravo Neto, José Resende e Nelson Felix. Rua Fradique Coutinho, 1.360 e 1.416, Vila Madalena. Tel: (11) 3031-6007.

Raquel Arnaud

Perfil: Com quase quarenta anos de existência, é uma das mais importantes do país. Na galeria, são reunidas pinturas, esculturas e desenhos. Rua Fidalga, 125, Vila Madalena. Tel: (11) 3083-6322.



Acima, a fachada da **Galeria Lume**, no Jardim Europa, que representa artistas como Claudio Edinger, Gal Oppido, Luiz Hermano e Renata Egreja entre outros

À esquerda, o **Anexo Millan**: um espaço expositivo de 450 m² inaugurado em 2015 para abrigar os projetos mais audaciosos dos artistas representados pela galeria, que atua no mercado há mais de 30 anos

Fotos Divulgação

37



À esquerda, *Deslocamento de Cobre*, de Hilal Sami Hilal; abaixo, *O Descanso da Sala*, obra do artista José Spaniol. Da exposição *Pausa*, na **Casa Galeria**, em Brasília



BRASÍLIA - DF

OUTROS SERVIÇOS

Comer Dulca

Mezanino do Bloco D, Hospital Sírio-Libanês, Bela Vista.

Restaurante Solarium

13º andar, Bloco D, Hospital Sírio-Libanês, unidade Bela Vista. Serve lanches rápidos e refeições.
Tel: (11) 3155-0289 das 10h às 17h.

hotéis

Ibis Hotel

Av. Paulista, 2.355, Consolação
Tel: (11) 3523-3000

Quality Suites Imperial Hall

Rua da Consolação, 3.555
Tel: (11) 2137-4555

comodidades

Alvena Lavanderia

Rua Peixoto Gomide, 292
Tel: (11) 3255-7355

Droga Raia

Av. Paulista, 2.053
Tel: (11) 3262-4961

Almeida Prado

Perfil: Uma das mais importantes galerias do país com influência do Modernismo, movimento-ícone da capital brasileira. Foi fundada há oito anos em Brasília e há dois inaugurou sede no Jardim América, em São Paulo. Fábio Almeida Prado é o marchand e curador. CLN 405 | Bloco C, Loja 45, DF
Tel: (61) 98147-1545.
Rua Estados Unidos, 2.096. Jardins, SP
Tel: (11) 3085-5535.

Elefante Centro Cultural

Perfil: Voltado à produção de jovens artistas, fica no interior da quadra residencial de um bloco modernista de Brasília. Elefante faz mostras no formato *pop-up*, com duração entre 3 e 10 dias, e atua no campo de experimentações em cenografia e expografia. SCLRN, 706, Bloco C, Loja 45, Asa Norte, DF
Tel: (61) 3541-3146.

Casa Galeria

Perfil: Sob gestão de Carol Kanj, o espaço vai funcionar num sistema de ocupação. A cada mês, uma galeria de arte da cidade se instalará no local para exposições, encontros com artistas e curadores, palestras, visitas orientadas e ateliês abertos com entrada gratuita. A Casa já tem programação definida até dezembro. CasaPark - 1º Piso, corredor do Espaço Itaú de Cinema | Instagram / @atelier_piloto

OUTROS SERVIÇOS

Comer

UNIDADES ASA SUL DO HOSPITAL SÍRIO-LIBANÊS

Baby Beef Rubaiyat

SCES Trecho 1, Lote 1 A, Asa Sul, DF
Tel: (61) 3443-5000

New Koto

CLS 212, bloco C, loja 20, Asa Sul, DF
Tel: (61) 3346-9668



Inauguração: novo Pronto Atendimento CARDIOVASCULAR

Hospital Sírio-Libanês ampliou sua emergência com atendimento especializado em doenças cardiovasculares



O Hospital Sírio-Libanês inaugurou em abril o Pronto Atendimento Cardiovascular em sua unidade da Bela Vista, em São Paulo. No mesmo complexo onde está o Pronto Atendimento Adulto, Pediátrico e Geriátrico, o espaço conta com farmácia, enfermagem, consultórios médicos e boxes exclusivos equipados com aparelhos de eletrocardiografia e ecodopplercardiografia para realização de exames à beira-leito, além de ter comunicação direta com as salas de emergência. “Temos boxes individuais com controle de temperatura, monitores multiparamétricos em todos os leitos e monitoramento em tempo real pela enfermagem e equipe médica especializada”, explica Dr. Luciano Baracioli, coordenador do PA Cardiovascular.

A emergência conta com cardiologista 24 horas, diariamente, e equipes de retaguarda para eventuais necessidades. A sala de hemodinâmica, para realização de cateterismo, é interligada ao Pronto Atendimento, o que garante uma agilidade ainda maior em situações de urgência. De acordo com Dr. Baracioli, a iniciativa representa ganhos em atenção, conforto e agilidade no atendimento às emergências cardiovasculares. “Por ser uma área dedicada, aqui, o paciente recebe atenção especializada e mais rápida, pois levamos em conta que, em algumas doenças cardiológicas, o curto tempo para o início do tratamento é fundamental e pode reduzir inclusive a mortalidade”, afirma.

Todos os indicadores de qualidade apresentados pelo PA Cardiovascular, como o tempo porta-ECG (tempo entre a chegada e a realização do eletrocardiograma) e o porta-balão (tempo entre a chegada e a realização de angioplastia em pacientes com infarto agudo do miocárdio), superaram os recomendados pelas organizações internacionais. ■

Endereço: Piso 1, R. Barata Ribeiro, s/n - Bela Vista, São Paulo. **Atendimento:** 24h

Ambulância própria

O novo PA conta com veículo totalmente adequado às necessidades que uma urgência cardiovascular exige

- Maca articulada e com rodas
- Prancha
- Suporte de soro
- Instalação de rede de oxigênio
- Cadeira de rodas dobrável
- Bomba de infusão
- Cardioversor + monitor (com pás para marcapasso)
- Glicosímetro
- Oxímetro de pulso com sensor adulto
- Ventilador de transporte
- Esfigmomanômetro
- Estetoscópio
- Lanterna
- Laringoscópio adulto e pediátrico
- Otoscópio (com 5 espéculos)
- Aspirador
- Bico/umidificador
- Fluxômetro
- Transfer
- Aspirador de secreção
- Manômetros
- Cilindros de oxigênio (grande e portátil)



A

SUPERBACTÉRIA

é resistente a múltiplos antibióticos e a outras bactérias

O micro-organismo pode ser resultado do uso indiscriminado ou incorreto de antibióticos

Um surto global de “KPC” (*Klebsiella pneumoniae carbapenemase*) – bactéria que ganhou o prefixo “super” pela resistência que tem a múltiplos antibióticos e pela capacidade de tornar resistentes outras bactérias – colocou a Organização Mundial da Saúde

(OMS) e outras autoridades na área em alerta no ano passado.

Em 2018, a superbactéria, encontrada pela primeira vez nos Estados Unidos, no ano 2000, contribuiu para mais de 30 mil mortes na Europa e mais de 20 mil nos EUA. No Brasil, ainda não há um compilado sobre o número de vítimas por bactérias resistentes, mas há notícias de muitos casos.

De acordo com Dra. Maura Salaroli de Oliveira, gerente médica do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Sírio-Libanês e médica do Grupo de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, o fenômeno da resistência das bactérias é bastante complexo e um dos motivos pode

ser o uso indiscriminado ou incorreto dos antimicrobianos. “Tanto que foi justamente o surto de KPC que chamou a atenção das autoridades para o tema e deu origem a uma campanha mundial pelo uso racional do antibiótico, cuja quarta edição foi veiculada em novembro”, afirma.

No final do ano passado, a OMS lançou a Semana Mundial de Conscientização do Uso Racional de Antibióticos, quarta campanha feita a fim de orientar a população sobre os riscos do uso indiscriminado e inadequado de antibióticos, destacando como um dos principais problemas a resistência das bactérias ao medicamento. Segundo a organização, esse está virando um problema de saúde pública e cada cidadão é respon-



Lavar as mãos ainda é uma das maneiras mais eficazes de combater infecções

Mladen Zivkovic/Getty Images

sável pela forma como usa o medicamento. “É necessária uma mudança cultural em nossa relação com os antibióticos, eles são um importante aliado de nossa saúde desde que sejam usados corretamente e seguindo a orientação médica”, alerta Dra. Maura.

E esse não é o único problema, cada vez mais estudos apontam graves efeitos colaterais por conta do mau uso dessa classe de medicamentos. As quinolonas, por exemplo, têm sido apontadas como causa para rupturas de tendões, alterações glicêmicas e neuropsiquiátricas, além de problemas cardiovasculares como arritmias e aneurisma de aorta. “A prevenção da resistência aos antimicrobianos depende do uso racional destes medicamentos, e do

esforço máximo para evitar infecções e transmissão cruzada de microrganismos”, afirma a infectologista.

SOBRE O SÍRIO-LIBANÊS

De acordo com a especialista, o Sírio-Libanês conduz com muita seriedade a política de combate à infecção hospitalar. Graças a isso sempre manteve uma das mais baixas taxas de infecção de corrente sanguínea associada

por cateter venoso central do país e a reduz ano após ano. Segundo Dra. Maura, a taxa foi de 1,03 por 1.000 cateteres-dia, em 2015, para 0,70 por 1.000 cateteres-dia em 2018. “Estes valores são comparáveis aos hospitais norte-americanos. Nos últimos 3 anos também intensificamos, em parceria com Farmácia, ações para gerenciamento do uso de antimicrobianos, com foco em adequação do tempo de uso”, conclui. ■

MENSAGENS-CHAVE DA OMS

1

Higienize as mãos com frequência, especialmente antes e depois de entrar em contato com pessoas doentes

2

Só tome antibióticos se forem prescritos por médicos

3

Saiba que a maioria das infecções virais tem resolução espontânea, e os antibióticos não exercem nenhum efeito sobre elas

4

Mantenha as visitas afastadas dos pacientes infectados

5

Esteja atento à nova regulamentação da Anvisa sobre o uso dos antibióticos

MENSAGENS-CHAVE DO HSL

1

Resistência a antibióticos é um grande risco para a saúde

2

Nunca se automedique

3

Nunca compartilhe antibióticos

4

No caso de infecções, consulte um médico

5

Siga corretamente a orientação dos médicos na administração do medicamento

Dr. Alberto Caramé Helito, 32 anos, pediatra, clarinetista e saxofonista, fala sobre a relação orgânica que mantém com suas duas paixões

MÉDICO E MÚSICO NUM SÓ CORPO

A medicina para ele é o exemplo de grande profissão, imagem herdada da carreira do pai, Dr. Alfredo Salim Helito, que acompanhou desde menino. “Desde sempre tive em mente seguir os passos profissionais do meu pai, bem como sempre gostei da carreira médica e do conteúdo ensinado na medicina”, conta.

Aos 18 anos entrou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Graduiu-se em 2010 e, em fevereiro do ano seguinte, iniciou a Residência em Pediatria, também na FMUSP. Hoje, Dr. Helito é plantonista do serviço de emergência pediátrica do Hospital Sírio-Libanês, coordenador médico do Hospital Dia do Insti-

tuto da Criança do HCFMUSP e atende em consultório, em especial adolescentes. Dr. Helito é tão apaixonado pelo que faz que não consegue responder quantas horas de seu dia a medicina consome.

Perguntado, em seguida, sobre como encontra tempo para estudar música a ponto de ser o saxofonista da Banda do Sírio-Libanês e o 1º clarinetista da Filarmônica dos Médicos, ele responde que as duas coisas lhe dão tanto prazer que nem percebe estar trabalhando ou estudando e diz que não

saberia usar o tempo de outra forma. “Para mim, é assim que ganho o meu tempo e não que gasto o meu tempo”, afirma sorrindo.

De acordo com o pediatra-músico, ou vice-versa, assim como a medicina, a música faz parte de seus interesses desde muito cedo. “Minha mãe conta que, no berço, ela colocava música e eu dançava no ritmo do que tocava. Ela conta e dá risada, sempre. Não sei quanto tem de verdade nisso, mas fato é que não me lembro de um tempo em que não gostasse de música”, diz Dr. Helito.



A banda

Criada durante as comemorações do Dia do Médico, em 2004, quando um grupo de músicos do Corpo Clínico se juntou para tocar Tom Jobim, a banda do Hospital Sírio-Libanês prevê juntar em torno da música toda a comunidade de colaboradores, familiares e pacientes do hospital. Com o apoio da área de Qualidade de Vida, a atual formação da banda chega a 12 músicos, vindos de diversas áreas do HSL, e está aberta a novos talentos. Faz apresentações em eventos internos, externos e itinerantes sempre que solicitada. Além disso, participa das apresentações do grupo de teatro Sírio-Libanês. O repertório é eclético, com base na música popular brasileira. Os arranjos são assinados pelo Maestro Felipe Senna e levam em conta habilidades individuais dos integrantes. Os ensaios são às segundas-feiras, entre 18h30 e 21h, no teatro do IEP (Instituto de Ensino e Pesquisa Sírio-Libanês).

Integrantes Abner Barroso – cirurgião oncológico, cantor e percussionista • Alberto Helito – pediatra, saxofonista e clarinetista • Andreia Watanabe – nefrologista e pianista • Caroline Gabrielian – fisioterapeuta e cantora • Fabiana Ruotolo – nutricionista e cantora • Fabio Vieira Teixeira – técnico de enfermagem, contrabaixista e cavaquista • Felipe Senna – maestro, diretor musical e arranjador • Leandro Lui – músico convidado • Paulo Silveira – hematologista e acordeonista • Rafael Monici – endoscopista e violonista • Sandra Estância – flautista convidada • Tiago Almeida – montador e trompetista

Agora, é verdade que o estudo de música começou bem antes do de medicina, pois o colégio cursado por Dr. Helito tinha música como matéria do currículo obrigatório já no ensino fundamental. Assim, aos sete

anos de idade, o pediatra começou a estudar flauta doce. Dr. Helito conta que já amava música, mas que talvez esse tenha sido o momento mais importante para ele do ponto de vista musical, pois foi aí que se deu conta de que, além de ouvir, podia fazer música. “Logo depois de minha iniciação na flauta, meu pai me deu um clarinete, por recomendação de um paciente que era dono de uma fábrica de instrumentos”, afirma. Muito rápido Dr. Helito se encantou com o clarinete, para ele, o instrumento mais bonito que existe, com o som mais bonito e a técnica mais interessante. “Meu primeiro clarinete foi amor à primeira vista e ele está comigo até hoje”, orgulha-se.

O médico dedicou 14 anos de estudos à

medicina – aqui ele comenta que esse estudo nunca termina – e 11 anos às aulas de clarinete. Quando perguntado sobre a música, ele sorri e diz que também não, pois, como músico de uma banda e de uma filarmônica, tem de estar sempre estudando. Além das apresentações tradicionais – encerrar eventos, simpósios, tocar para pacientes –, a banda toca nas apresentações do Grupo de Teatro do Sírio-Libanês, trabalho de que Dr. Helito declara gostar muito, pois um de seus interesses específicos na arte é o teatro musical. Como concilia as duas paixões? “A música me retroalimenta, me acalma, me reestrutura e me fortalece para assegurar tudo que preciso para exercer a medicina que quero”, completa. ■

z_wei/Getty Images



QUALIDADE

certificada pela ONA

O Hospital Municipal Infantil Menino Jesus comemorou um marco importante na trajetória da instituição: a conquista da Certificação ONA (Organização Nacional de Acreditação), nível 1. Criada em 1999 com o intuito de certificar a qualidade dos serviços das unidades de saúde do país, a ONA tem sua metodologia reconhecida pela ISQua (International Society for Quality in Health Care) – associação parceira da OMS (Organização Mundial da Saúde) –, pelo Ministério da Saúde e pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Embora seja voluntário, o processo para obtenção do selo é bastante rigoroso. Este reconhecimento reforça o compromisso do Instituto de Responsabilidade Social Sírio-Libanês de levar a excelência do Hospital Sírio-Libanês às unidades sob sua gestão. O Hospital Municipal Infantil Menino Jesus atende crianças e jovens de 0 a 17 anos e é referência em pediatria na cidade.

As exigências do nível 1 da ONA contemplam o atendimento aos requisitos de segurança na assistência prestada ao usuário, nas especialidades e nos serviços da organização de saúde avaliada. De acordo com o IBES (Instituto Brasileiro para Excelência em Saúde), entre os pontos fortes apresentados pela instituição estão o pioneirismo na participação das mães na hospitalização das crianças, os programas de humanização, o nível de capacitação do corpo clínico e da equipe assistencial, a atuação do Conselho Consultivo de Pacientes e Familiares, a orientação aos colaboradores e pacientes, além de programas multidisciplinares no ambulatório.

SOBRE O IRSSL

Fundado em 2008, o Instituto de Responsabilidade Social Sírio-Libanês (IRSSL) é outra ramificação do hospital para cumprir sua missão de retornar à sociedade a acolhida obtida pelos imigrantes sírio-libaneses no final do século 19. O Instituto é inteiramente voltado aos pacientes do SUS. O financiamento é do governo estatal, mas a gestão e a responsabilidade pelo atendimento são do Sírio-Libanês. O instituto atua nos hospitais públicos que administra transferindo conhecimento nas áreas de gestão em saúde, medicina e tecnologia, sem nenhum fim lucrativo. Organização social credenciada e focada em parcerias público-privadas na área da saúde, o IRSSL é responsável, atualmente, pela manutenção e gestão de três hospitais públicos, um ambulatório e um serviço de reabilitação das redes municipal e estadual de São Paulo. Estão sob o guarda-chuva do IRSSL o Hospital Municipal Infantil Menino Jesus, em contrato firmado com a Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, e as instituições estaduais Hospital Geral de Grajaú, Hospital Regional de Jundiaí, Ambulatório Médico de Especialidades (AME) Dra. Maria Cristina Cury e a Unidade do Serviço de Reabilitação – Rede Lucy Montoro, na cidade de Mogi Mirim. Em todos eles, o modelo administrativo prioriza a eficiência de resultados assistenciais, o atendimento humanizado e a transparência na prestação de contas. ■

O Hospital Municipal Infantil Menino Jesus é a terceira unidade sob gestão do Instituto de Responsabilidade Social Sírio-Libanês (IRSSL) reconhecida pela qualidade dos serviços



Membros da equipe do Hospital Municipal Infantil Menino Jesus e Instituto de Responsabilidade Social do Sírio-Libanês

MUNDO AFORA

UM ROTEIRO COM PROGRAMAS DE LAZER E CULTURA COM ATRAÇÕES DE DIVERSAS PARTES DO GLOBO



Fotos Divulgação

OUTROS BRASILEIROS NO MoMA

O MoMA tem muitas obras de artistas brasileiros no acervo. Boa parte doação da colecionadora venezuelana Patricia Phelps de Cisneros. Entre eles, você pode conferir lá: Alfredo Volpi, Adriana Varejão, Abraham Palatnik, Beatriz Milhazes, Helio Oiticica, Jac Leirner, Lygia Clark e Waldemar Cordeiro. O museu tem também a instalação *Áo*, uma das mais emblemáticas do pernambucano Tunga (1952-2016), adquirida pelo MoMA em 2015. **Mais informações:** moma.org

NOVA YORK | SÃO PAULO

MoMA COMPRA A TELA *A LUA*

Especula-se que o quadro tenha custado

US\$ 20 milhões, obra mais cara de um artista brasileiro já vendida, superando *Vaso de flores*, de Guignard

Depois de montar uma grande retrospectiva de Tarsila do Amaral, ano passado, com 130 obras da artista, o Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York comprou *A lua*, quadro de 1928 assinado pela modernista. A obra pertencia, desde a década de 1950, à coleção Feffer, família fundadora da fábrica de papel Suzano. Profissionais do mercado de arte aventaram um valor aproximado de US\$ 20 milhões, algo em torno de R\$ 74 milhões, para a venda. Se confirmado esse valor, Tarsila passaria a ser a artista brasileira com a obra mais cara já vendida, superando *Vaso de flores*, de Guignard, arrematada em um leilão em 2015 por R\$ 5,7 milhões. Obra-símbolo do Modernismo brasileiro, *Abaporu* foi adquirida pelo Museu de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (Malba) por US\$ 1,4 milhão em 1995, em um leilão da Christie's. Hoje, devido à valorização da pintora no mercado internacional e da pouca oferta de obras, além do reconhecimento da importância do Modernismo brasileiro, especula-se que o valor da tela poderia estar próximo de R\$ 100 milhões. Hoje as instituições reconhecem que, para abordar as vanguardas da arte do século 20, é preciso tratar do Modernismo brasileiro, e Tarsila, mesmo não participando da Semana de 1922, é figura central nesta escola.

Para Ann Temkin, curadora-chefe de pintura e escultura da instituição nova-iorquina, a exposição do ano passado confirmou a crença da instituição de que uma pintura de Tarsila seria essencial para sua coleção. "Sabíamos, contudo, que encontrar uma obra sua seria o principal desafio. Nos sentimos extremamente felizes em acrescentar seu trabalho à história que contamos em nossas galerias do quinto andar", afirma. *A lua* de Tarsila vai estar ao lado de Picasso, Bracque e da melhor exposição de arte moderna do mundo. Com isso, os especialistas afirmam que a modernista brasileira conquista o patamar de modernista universal.

No MASP, em São Paulo, é possível conferir 92 obras de Tarsila até 28 de julho. **Mais informações:** masp.org.br



SÃO PAULO | RIO DE JANEIRO | BELO HORIZONTE

PAUL KLEE – EQUILÍBRIO INSTÁVEL

Sob curadoria de Fabienne Eggelhöfer, do Zentrum Paul Klee, de Berna, na Suíça, a mostra fica em território nacional até agosto deste ano

Paul Klee – Equilíbrio Instável reúne pela primeira vez na América Latina mais de 100 obras do suíço Paul Klee (1879-1940). Preparada especialmente para o público brasileiro, a exposição apresenta 16 pinturas, 39 papéis, 5 gravuras, 5 fantoches e 58 desenhos, além de objetos pessoais de Klee. O artista transitou por diversos estilos, como o Cubismo, o Expressionismo, o Construtivismo e o Surrealismo, mas não cabe atribuir ao seu legado artístico nenhum em particular. Klee alcançou destacada expressão própria, que o coloca no centro da história da arte moderna. A curadoria é de Fabienne Eggelhöfer, do Zentrum Paul Klee, de Berna, na Suíça. **Mais informações:** A entrada é gratuita, com possibilidade de horário previamente agendado pelo aplicativo Eventim, pelo site culturabancodobrasil.com.br ou na bilheteria do CCBB. Em cartaz até 29 de abril, no CCBB de São Paulo; de 15 de maio a 12 de agosto, no CCBB do Rio de Janeiro; de 28 de agosto a 18 de novembro, em Belo Horizonte.

BRASÍLIA - DF

AS EXCENTRICIDADES DE TIM BURTON

Pelo décimo aniversário do livro *The Art of Tim Burton*, lançado em 2009, o Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília, trará pela primeira vez ao Brasil *A Beleza Sombria dos Monstros: 10 anos de A Arte de Tim Burton*. A mostra apresenta os 40 anos de trabalho de Burton, incluindo os conceitos visuais em seus filmes, muitas ilustrações retiradas de arquivo pessoal e que foram editadas sob a orientação do próprio artista. O livro que deu origem à mostra tem 434 páginas e conta em detalhes temas rotineiros de seu trabalho, seu fascínio por palhaços, sua paixão por monstros incompreendidos e suas esquisitices por humanos. **Mais informações:**

A exposição, que traz de forma ampla o trabalho do cineasta, tem entrada franca e fica em cartaz de maio a agosto, no Centro Cultural Banco do Brasil. SCES, Trecho 2, Conjunto 22 – Brasília (DF).





Oncologista e diretor geral do Hospital Sírio-Libanês, em Brasília

Nascido em João Pessoa, na Paraíba, em 21 de julho de 1978. Dr. Gustavo dos Santos Fernandes foi o escolhido para dirigir o primeiro Hospital Sírio-Libanês fora de São Paulo. De pai paraibano, também médico e entusiasta da educação, e mãe historiadora e paulistana, o que lhe garantiu muitas férias em São Paulo, o diretor geral do novo Hospital Sírio-Libanês, em Brasília, conta que sempre foi muito estimulado a estudar.

Como estudante de medicina, ainda no segundo ano da faculdade, viu a mãe adoecer e falecer rapidamente de um câncer no ovário. Foi nessa época que conheceu a oncologia do Sírio-Libanês, em São Paulo, então sob responsabilidade de Dr. Antônio Carlos Buzaid. A competência e encanto que Dr. Buzaid e o Sírio-Libanês despertaram em Dr. Fernandes garantiram a inspiração para a escolha de sua especialidade. Dr. Fernandes terminou a faculdade de medicina pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e fez Residência em Clínica Médica e Hematologia no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP). Na sequência, especializou-se em oncologia no Sírio-Libanês Ensino e Pesquisa, estudou oncologia avançada na área de tumores gastrintestinais no Memorial Sloan Kettering, em Nova York, e publicou mais de 30 artigos científicos em periódicos internacionais.

Entre 2015 e 2017, presidiu a Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC). Hoje, depois de oito anos dirigindo o Centro Oncológico do Sírio-Libanês em Brasília e atuando como Chefe dos Residentes de Oncologia do Sírio-Libanês Ensino e Pesquisa, Dr. Fernandes assume a função de diretor geral do Hospital Sírio-Libanês, em Brasília, primeiro hospital geral de alta complexidade fora da cidade-mãe, São Paulo.



SÍRIO-LIBANÊS

www.hsl.org.br

MAI | 2019

Conheça os endereços do Sírio-Libanês

São Paulo

Hospital Sírio-Libanês

Rua Dona Adma Jafet, 115 – Bela Vista – (11) 3394-0200

Serviços: Pronto Atendimento, Centro de Diagnósticos, Centro de Cardiologia e Oncologia, Infusão, Hemodiálise, entre outros. Atendimento em mais de 40 especialidades.

Sírio-Libanês Itaim

Rua Joaquim Floriano, 533 – (11) 3394-0200

Serviços: Centro de Diagnósticos, Centros de Oncologia e Reprodução Assistida, Centro Cirúrgico/Hospital-Dia e Check-up.

Sírio-Libanês Jardins

Avenida Brasil, 915 – (11) 3394-0200

Serviços: Centro de Diagnósticos com exames laboratoriais e de imagem, como Ressonância Magnética, Densitometria Óssea, Mamografia e Ultrassom.

Brasília

Hospital Sírio-Libanês

SGAS 613, s/n, Lote 94 – Asa Sul – (61) 3044-8888

Serviços: Pronto Atendimento, Centro de Diagnósticos, Centro Cirúrgico e atendimento em diversas especialidades, como cardiologia, neurologia, oncologia e ortopedia.

Centros de Oncologia

Asa Sul

SGAS 613/614, Conjunto E, Lote 95 – (61) 3044-8888

Lago Sul

SHIS, QI 15, Lote 0, Prédio do Centro Médico Brasília – (61) 3044-8888

Serviços: Quimioterapia, Radioterapia, Hematologia, Exames e consultas ambulatoriais e clínicas.

Centro de Diagnósticos

SGAS 613/614, Salas 17 a 24, Lote 99 – Asa Sul – (61) 3044-8888

Serviços: Exames laboratoriais e de imagem, como PET/CT Digital, Ressonância Magnética e Tomossíntese.



SÍRIO-LIBANÊS

“Do jeito que eles me cuidam aqui, dá pra ter mais uns 20 anos de alegria.”



Eduardo Godinho

Paciente Sírio-Libanês desde 2006

Experiência Sírio-Libanês:

Nosso compromisso é fazer mais pela vida.

Saiba mais sobre esse importante pilar do cuidado em nossa página do YouTube.

Posicione a câmera do celular sobre o código QR Code ao lado.



**EXPERIÊNCIA
SÍRIO-LIBANÊS**

www.hsl.org.br